

O Dossiê Belo Monte: a construção de uma cobertura de mídia cidadã

João Miguel Diógenes de Araújo LIMA¹

Global Voices Online / Universidade Federal do Ceará

Ao longo de 2011 e início de 2012, tive envolvimento na elaboração de matérias sobre protestos contra o projeto de construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, Brasil, com base em curadoria de mídia cidadã. Essas matérias foram publicadas no site Global Voices Online, que procura amplificar as vozes de cidadãos expressas na internet, e integram o Dossiê Belo Monte junto com matérias de outros autores, publicadas entre 2008 e 2012. O projeto da usina hidrelétrica foi criado em 1975, durante a ditadura militar, e retomado em 2003 com a promessa de produzir 4,420 MW/ano. Populações indígenas e ativistas repudiam o projeto por seus impactos socioambientais. A cobertura desses protestos, que aconteceram em São Paulo-SP, em Altamira-PA e noutras cidades, deu-se por meio de pesquisa na internet – blogs, Facebook e Twitter, entre outras plataformas. Como localizar e contactar usuários da Internet que possam ser fontes para a cobertura desses eventos? Retweets e compartilhamentos são critérios de relevância de vozes cidadãs? Como confiar na mídia cidadã para a construção de matérias que ressaltam as reações das pessoas? Com essas preocupações em mente, pretendo apresentar a experiência do Dossiê Belo Monte do Global Voices em Português, ressaltando, também, as formas com que as mídias sociais foram utilizadas para convocar e divulgar os protestos contra a construção da usina.

Palavras-chave: Usina Belo Monte; Global Voices Online; mídia cidadã; cobertura de mídia cidadã.

Este relato de experiência debruça sobre aspectos da cobertura especial Dossiê Belo Monte, iniciada no ano de 2011 no site Global Voices Online em Português². Para tornar mais clara a discussão sobre o Dossiê, primeiramente apresento em linhas gerais o histórico e o funcionamento do site que o veicula.

O Global Voices Online é um projeto fundado em 2005³, conduzido por uma rede internacional de blogueiros (em grande parte, voluntários) que produzem e traduzem matérias que reportam sobre a atuação de blogueiros na rede e aspectos que a grande mídia dedica pouca atenção. Tendo a página em inglês como âncora, o Global Voices tem plataformas em mais de 20 idiomas e conta também com as plataformas Global Voices Advocacy⁴, em defesa da liberdade de expressão na web, e o Rising Voices⁵, que conecta ativistas às plataformas digitais. Na seção de apresentação, diz-se:

Com milhões de pessoas blogando ao redor do planeta, como você evita ser oprimido pelo excesso de informação? Como você descobre quem é o mais influente ou respeitado blogueiro ou podcaster em um determinado país, especialmente em locais diferentes do seu?

¹ Bacharel em Ciências Sociais (2010) e mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Autor e tradutor voluntário para o Global Voices Online desde 2010 e co-responsável pela cobertura especial Dossiê Belo Monte. E-mail: jmlimabr@gmail.com

² <http://pt.globalvoicesonline.org/>

³ Fundado por Rebecca MacKinnon e Ethan Zuckerman em 2005, durante o período em que foram *fellows* do Berkman Center for Internet and Society, na Harvard University.

⁴ <http://advocacy.globalvoicesonline.org/>

⁵ <http://rising.globalvoicesonline.org/>

As duas perguntas acima abrem o caminho para apontar o Global Voices como um “guia para a blogosfera global”. Com base na produção em blogs, Twitter, Facebook, Flickr, Youtube e noutras plataformas e mídias sociais, os colaboradores do Global Voices trabalham com a produção de posts e de notinhas com a ideia de “agregar, selecionar e amplificar a conversação global online, iluminando locais e pessoal que outras mídias geralmente ignoram”. Essa é, também, a noção de mídia cidadã implicada nesse projeto; as matérias são construídas com base na expressão e na comunicação de cidadãos na web.

Na sequência, essas produções podem ser traduzidas para outros idiomas, alçando-as para audiências globais. São histórias que fazem uso de hipertexto como recurso de contextualização, fotos, vídeos e citações de blogueiros, na busca por realçar e contextualizar reações e movimentações de cidadãos expressas na rede.

Vale ressaltar também que muitos projetos na Internet têm como proposta a convergência, o guia de percurso na web e de constituição de acervo digital. Plataformas e ferramentas também têm sido criadas ou aperfeiçoadas com o objetivo de realçar páginas, recursos audiovisuais e citações através de hiperlinks, garantindo-lhes um local seguro, um ponto de convergência para que leitores não se percam nos fluxos da web. Para citar alguns exemplos, com o recurso da *timeline* (linha do tempo), as plataformas de rede social Facebook e Twitter agrupam as movimentações de usuários em sequência; a plataforma Storify possibilita a criação ou a preservação de uma estória a partir de hiperlinks das mídias sociais; e, com o software Nestor Web Cartographer, é possível mapear percursos de pesquisa em TICs (OKADA; ALMEIDA, 2004).

Estes autores entendem que a Internet se configura como um “dilúvio caótico de dados”, um “oceano de informações que se modificam a cada segundo”, e, portanto, mapear não é apenas um “meio de orientação, mas, também, como um processo de construção de sentidos e significado” (OKADA; ALMDEIDA, 2004, p. 109).

Frente uma situação semelhante, em que todos podem ser autores na Internet, a jornalista e pesquisadora Raquel Recuero argumenta que, com as redes sociais virtuais, o jornalismo “também possui uma função de organização do espaço informativo, através da filtragem e hierarquização das informações relevantes” (RECUERO, 2011, p. 15). As matérias elaboradas no Global Voices Online são, nesse sentido, estórias de *curadoria* e de contextualização, trazendo consigo sentidos e significados.

Dos posts sobre meio ambiente ao Dossiê Belo Monte

Componho a editoria lusófona, ligada ao Global Voices em Português, que reúne colaboradores voluntários que escrevem sobre países de língua portuguesa através de uma rede virtual. Semelhante à dinâmica de jornais, porém por meio de e-mails, Gtalk, GoogleDocs e/ou Skype, os posts originais são discutidos, rascunhados e submetidos à revisão da editora, a portuguesa Sara Moreira.

As matérias no site são agrupadas segundo três critérios principais e mutuamente não-excludentes – países, idiomas e tópicos. Minha colaboração como autor se fez principalmente com posts no tópico de meio ambiente, com enfoque sobre o novo Código Florestal e a construção de usinas hidrelétricas no Brasil, notadamente a usina de Belo Monte.

Em março de 2011, participei de discussões sobre possibilidades de trabalho conjunto entre autores e tradutores do Brasil e de outros países da América do Sul a partir de matérias produzidas sobre projetos de usinas hidrelétricas, grandes rodovias e exploração de recursos naturais em áreas de grande biodiversidade, como a Amazônia e a Patagônia, no Brasil, no Peru, no Chile e no Equador. Dessas discussões, foi criada a página de cobertura especial *Forest Focus: Amazon*⁶ para marcar o Ano Internacional das Florestas, com destaque para a Amazônia e outras florestas. Além de listar os posts no tema, a página de cobertura especial oferece ao usuário uma lista de contas de Twitter, de páginas de organizações ambientalistas e de canais de vídeos que podem ser acompanhados para mais informações.

A matéria “Brasil: Reações ao Início da Construção de Belo Monte”, publicada em 20 de agosto de 2011, marcou a 7ª publicação sobre a usina – entre posts e notinhas – desde o início daquele ano no Global Voices. Protestos, denúncias e ações na Justiça foram os três assuntos mais recorrentes nesse período, que movimentaram populações indígenas e ribeirinhas, ativistas e organizações ambientalistas, tal como no sit-in na Avenida Paulista⁷, em São Paulo, no dia 17 de julho de 2011, e a Grande Pescaria⁸ contra a usina na região da Volta Grande do rio Xingu, em Altamira, no Pará, realizada de 11 a 14 de março de 2011. Em 19 de junho de 2011, a Avenida Paulista já havia sido tomada por protestos em que homens e mulheres pintaram suas faces em padronizações indígenas, chamando o projeto de usina de “Belo Monstro”.

⁶ <http://globalvoicesonline.org/specialcoverage/2011-special-coverage/forest-focus-amazon/>

⁷ <http://pt.globalvoicesonline.org/2011/07/18/brasil-marchabelomonte-ocupa-avenida-paulista/>

⁸ <http://pt.globalvoicesonline.org/2011/03/17/brasil-grande-pescaria-contrabelo-monte/>

Em junho de 2011, no rio Xingu, no Pará, teve início a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, a ser a terceira maior do mundo, com capacidade para produzir 4,420 MW. O governo alega que esse e outros projetos de usinas hidrelétricas – previstas para os rios do Pantanal e da Amazônia – são essenciais para a garantia de eletricidade para o desenvolvimento do país. Por outro lado, o impacto socioambiental da barragem afeta diversos povos indígenas e populações ribeirinhas da região.

Além da contestação conduzida pelos povos xinguanos, o licenciamento ambiental da obra tem sido questionado desde o início por conta da aprovação, apesar dos estudos incompletos de impacto ambiental. Por esse motivo, diversas ações⁹ têm sido movidas apontando as irregularidades, e a Justiça ora se movimenta para suspender a obra, ora para retomá-la.

Considerando o realce recorrente dessa pauta, por sugestão da coordenadora Paula Góes e da editora Sara Moreira, demos início ainda em agosto de 2011 à construção de uma página de cobertura especial sobre a usina hidrelétrica: o Dossiê Belo Monte. Seguindo o padrão das páginas de cobertura especial do Global Voices, o Dossiê traz uma breve apresentação sobre o assunto (o projeto de usina e as motivações das vozes dissidentes), a listagem de posts publicados, uma lista de recursos no Twitter (hashtags, contas de organizações e tuiteiros-chave), lista de websites e de blogs, lista de canais de vídeos e infográficos. Parte dos tuiteiros-chave integram uma lista de contatos que eu mantinha na minha conta de Twitter, com contas de organizações ambientalistas e personalidades que eu considerava importantes, pois se debruçam sobre questões vinculadas a meio ambiente.

A página de cobertura especial foi finalmente lançada em 21 de outubro de 2011, concomitante com a publicação do post “Brasil: Belo Monte Chega aos Tribunais de Justiça”, de minha autoria. Os recursos citados anteriormente são frequentemente atualizados, com a inserção de novos contatos. A mais recente adição, por exemplo, foi da jovem indígena xingua Sany Kalapalo¹⁰: inserimos a sua conta de Twitter e o blog do Movimento Indígenas em Ação (MIA), que fundou com uma amiga.

Na seção seguinte apresento os usos de mecanismos das redes sociais para a busca de fontes em mídia cidadã. Em seguida, problematizo a possibilidade de

⁹ O Procurador do Ministério Público Federal do Pará, Felício Pontes Jr, criou o website *Belo Monte de Violências* com documentos históricos, ações movidas pelo MPF/PA contra as irregularidades do projeto, vídeos e artigos: <http://belomontedeviolencias.blogspot.com.br/>

¹⁰ Em outubro, será publicada uma entrevista com a ativista.

hierarquização de fontes em mídia cidadã: por quais motivos uma fonte pode ser mais recorrente que outras? Existem vozes de “menos valor”?

Fontes

A cobertura do Global Voices se dá online, frequentemente “à distância”, na busca por recursos, atualizações e mesmo reações compartilhadas publicamente nas mídias sociais. Não temos colaboradores habitando o município de Altamira¹¹, embora possamos contar a presença de membros da editoria em São Paulo, quando há grandes protestos. Monitorar blogs e redes sociais é, portanto, a principal forma de termos ciência de acontecimentos e buscarmos elementos para a construção de estórias, um trabalho que inicialmente se fez de forma intuitiva, mas que, com a prática, torna-se um processo mais objetivo.

Dentre as plataformas de mídias sociais, o Twitter possibilita alcançar, pelo seu mecanismo de busca e por hashtags, tweets de tuiteiros – mesmo que estes não façam parte da rede de contatos imediata do usuário. Pesquisar as expressões “Belo Monte”, “#BeloMonte” ou “#PareBeloMonte” é um ato que precisa ser recorrente para garantir o acompanhamento do assunto, uma vez que não somos moradores de Altamira. Outro mecanismo importante do Twitter é a criação de listas de contatos, que facilitam o acompanhamento de perfis por afinidade. O mecanismo de *retweet* também pode ser encarado como um termômetro da afinidade de ideias, muito embora seja imbuído em parâmetros de popularidade dos usuários e das redes que integram ou não.

A orientação da pesquisa no Facebook é diferente, e o usuário precisa estar vinculado a páginas ou grupos relacionados ao rio Xingu, aos povos do Xingu, à usina de Belo Montes ou à Amazônia para receber atualizações – ou ter, no seu círculo de contatos, um ativista, um habitante de Altamira, um empresário ou “alguém de dentro”. Até o início de setembro de 2012, a página “Belo Monte – Anúncio de uma Guerra”, dos produtores do documentário de mesmo nome financiado colaborativamente, recebeu mais de 7 mil “Curtir/Gostar” e a página “Belo Monte (Oficial)”, dos representantes da usina hidrelétrica (UHE), recebeu mais de mil “Curtir/Gostar”.

Até o início de setembro de 2012, momento da conclusão deste relato de experiência, o Dossiê Belo Monte agrega 32 publicações, contando desde 2008, sendo um deles um post traduzido, a respeito de hidrelétricas no Peru. São 14 posts e 17 notas sobre o Brasil, escritos por seis colaboradores: Elisa Thiago, João Miguel D. de A.

¹¹ Estamos a tentar estabelecer contato com uma internauta de Altamira, que deixou um comentário na página do Global Voices em Português no Facebook, mas não obtivemos resposta.

Lima, José Murilo, Priscila Kesselring, Raphael Tsavkko Garcia e Sara Moreira. Nos últimos anos, essa produção se distribui segundo o quadro abaixo:

Ano	Publicações
2008	1
2009	-
2010	1
2011	20
2012	10

Considerando-se as citações, as menções e as citações indiretas nas 31 publicações sobre o Brasil que envolvem a usina de Belo Monte, chegamos ao número de 76 referências e citações, sem considerar os verbetes da Wikipédia. A seguir, apresento uma categorização dessas fontes, que ademais poderia ser organizada seguindo outras lógicas possíveis:

Categorizações	Número de referências
Jornalistas, blogueiros, ativistas e pesquisadores com expressão na web	35
Organizações ambientalistas /indigenistas	14
Vozes no Twitter e em blogs	11
Agências de notícias e jornais	8
Páginas governamentais	3
Organizações políticas	2
Outros	3

Dentre essas categorizações, destaco a seguir as fontes mais recorrentes:

Fonte	Publicações em que é mencionado/a	Categorização
Comitê Xingu Vivo (Movimento Xingu Vivo Sempre)	11	Organizações ambientalistas /indigenistas
Leonardo Sakamoto	8	Jornalistas, blogueiros, ativistas e pesquisadores com expressão na web
Telma Monteiro	5	Jornalistas, blogueiros, ativistas e pesquisadores com expressão na web

Conselho Indigenista Missionário (CIMI)	3	Organizações ambientalistas /indigenistas
---	---	---

As fontes na categoria “Jornalistas, blogueiros, ativistas e pesquisadores” são cidadãos de posicionamento crítico ao projeto da usina que se manifestaram através do Twitter, do Facebook, de seus blogs pessoais e através da partilha de pesquisas e relatórios, como o jornalista e cientista político Leonardo Sakamoto e a pesquisadora Telma Monteiro. A experiência profissional e a credibilidade *off-line* deles são transpostas para o ambiente online. Usuários que também integram essa categorização são os ativistas que estiveram *on the ground* e tuitaram a respeito, publicaram vídeos e álbuns de fotos e escreveram pequenos relatos compartilhados pelas redes sociais.

Organizações ambientalistas e indigenistas, tais como o Comitê Xingu Vivo (também chamado de Movimento Xingu Vivo Sempre) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), têm presença e contato próximo com povos e lideranças indígenas. O Comitê Xingu Vivo, particularmente, com sua base no município de Altamira, no Pará, torna-se uma fonte de informação *em campo*, reportando as tensões, os protestos e a repercussão negativa da obra na sede do município e junto às comunidades indígenas e ribeirinhas afetadas. Ao longo do ano de 2011, as agências de notícia estatais e o Consórcio Belo Monte, responsável pelas obras da usina hidrelétrica, relutam em reportar esses acontecimentos e tendem a noticiar apenas os acontecimentos positivos.

Hierarquização?

Para se pensar na recorrência dessas fontes, penso que seja importante considerar, ademais, as particularidades do assunto, ou seja, os argumentos em disputa em torno da construção desse projeto de construção de usina hidrelétrica e o que ele implica. O *desenvolvimento do país*, a *autonomia energética*, o *interesse nacional* e o *crescimento econômico* são os argumentos mobilizados pelos apoiadores da usina; por outro lado, a crítica é feita apelando para o *direito de terra aos povos indígenas*, a *manutenção dos modos de vida* de indígenas e populações ribeirinhas, o *impacto à biodiversidade* e os *gastos exorbitantes*.

Pensando sociologicamente, esses argumentos em disputa constituem figurações (ELIAS, 2006) em fluxo contínuo de mudança; os indivíduos estão inseridos em figurações, mas também as constroem e modificam cotidianamente. A argumentação ambientalista e a argumentação energética têm a ciência como campo de discussão compartilhado e mobilizam argumentações morais e judiciais. Nesse sentido, a voz de

especialistas tem influência quando estes atuam *off-line* e online, pois se constituem em “voz autorizada” que pode ser usada para fortalecer os argumentos em disputa.

Por fim, a terceira categorização mais recorrente é a de “vozes no Twitter e em blogs”. São vozes que comunicam comentários, reações exaltadas de apoio e de rechaço, opiniões. Em ensaio publicado na revista *Serrote*, a crítica cultural argentina Beatriz Sarlo questiona de forma pertinente o frisson atribuído ao uso do Twitter por políticos e inicia sua argumentação da seguinte forma:

Tardes inteiras no Twitter e no Facebook. Nunca encontrei nenhuma informação significativa que não tivesse encontrado nos jornais. Sei que essa afirmação é irritante e provavelmente injusta com algum caso que ainda não descobri. Encontrei, sim, toneladas de opiniões bem e mal formuladas, insultantes ou esnobes, zombeteiras ou irônicas, sempre intensamente subjetivas. Uma explosão de romantismo pós-moderno. (SARLO, 2011, p. 7)

De fato, é essa “intensa subjetividade” dos usuários no Twitter, no Facebook, nos blogs e noutras mídias sociais que diferencia a produção do *Global Voices*. Não importa se são falas bem ou mal formuladas – o importante é contextualizá-las, na busca por figurar suas condições de existência. São falas que conferem paixão e que apontam contornos para o pensamento das ruas, das pessoas “não especialistas”, mas que têm vontade de comunicar suas ideias e projeções.

Enquanto a construção de usinas é um negócio que movimenta bilhões de reais, a preservação do meio ambiente e dos modos de vida da Volta Grande do Xingu tende a sofrer com uma correlação desigual de forças. A produção do *Dossiê Belo Monte* tem como missão amplificar as vozes de pessoas que a mídia tradicional geralmente não alcança, especialmente em contextos assimétricos de poder e de visibilidade.

Referências bibliográficas

ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios**: estado processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OKADA, Alexandra; ALMEIDA, Fernando. Navegar sem mapa? In: LEÃO, Lucia. **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume; Senac, 2004. Pp. 109-116

RECUERO, Raquel. Deu no Twitter, alguém confirma? Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. In: 9o Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2011, Rio de Janeiro. **Anais da 9o SBPJor**, 2011. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/sbpjorrecurso.pdf>

SARLO, Beatriz. O animal político na web. In: **Serrote**. Nº 7. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011. Pp. 6 – 19.